

Reflexo histórico

Professora de literatura da Universidade de Brasília (UnB), Luciana Barreto afirma que a produção, a circulação e a recepção da literatura de autoria feminina historicamente são moldadas a partir de estruturas ideológicas que determinam os papéis sociais, a representatividade política e as valorizações morais das mulheres. “Na forma de organização das relações sociais, o patriarcado e o capitalismo ancoram, subseqüentemente, as desigualdades de gênero – daí a exclusão histórica das mulheres no cânone literário”, salienta.

De acordo com Bruna Schlindwein Zeni, a exclusão do sexo feminino no cânone literário se deve a um conjunto de fatores sociais, culturais e institucionais, especialmente à falta de modelos de leitura masculinos para meninos. “Educadores notam que, no Brasil, os meninos crescem vendo menos homens próximos que sejam leitores assíduos, enquanto as meninas frequentemente têm exemplos de mães, professoras ou outras figuras femininas que leem.”

Além disso, a arte e a literatura são ferramentas de visibilidade e de reescritura da história, pois segundo Luciana Barreto, denunciam as mais distintas formas de violência contra a mulher, derivadas da aliança entre o patriarcado e o capitalismo. “O preconceito que contorna, ainda, narrativas consideradas ‘femininas’ deriva, portanto, do que atravessa um imaginário, ainda, alicerçado no patriarcalismo, nas relações privadas e públicas, na dominação de sexo/gênero e nos padrões culturais e comportamentais”, defende ela.

De acordo com a professora da UnB, essa especificidade discursiva na literatura de autoria feminina, com experiências culturais e relações sociais peculiares, faz com que as obras escritas por mulheres não sejam consideradas universais. Bruna Schlindwein Zeni acrescenta que o machismo estrutural influencia significativamente o gosto literário dos leitores por meio de práticas, expectativas e preconceitos enraizados na cultura, afetando desde a formação dos hábitos de leitura até as preferências por determinados autores, gêneros ou temas. “Ele opera de forma sutil, mas profunda, moldando preferências literárias e perpetuando desigualdades culturais que limitam a experiência literária dos leitores”, destaca a especialista em teorias feministas.



Clube do livro Lendo Mulheres Brasileiras

Nesse cenário, atualmente as editoras incentivam a publicação, a leitura e a citação de mulheres, resultando em uma certa prevalência de escritoras no mercado editorial. A editora Blimunda, inclusive, conta com uma produção editorial inteiramente feminina, que busca reconhecer a sobrecarga das autoras, oferecer acolhimento e incentivar a escrita feminina. “A boa notícia é que há movimentos de mudança: os debates sobre igualdade de gênero na literatura estão mais presentes, editoras e prêmios literários buscam dar visibilidade a escritoras, e a nova geração de leitores pode vir a ser menos presa a esses preconceitos”, celebra.

Literatura feminina

Com o intuito de incentivar a leitura feminina e tentar equilibrar o cenário de visibilidade e leitura entre autores e autoras, foi fundado o clube do livro Lendo Mulheres Brasília, mediado pela internacionalista e professora Renata Sanches. O grupo é formado majoritariamente por mulheres com idades variadas que queriam ler mais autoras, mas alguns homens também participam. Segundo ela, existe uma resistência maior por parte dos homens em ler obras escritas por mulheres. “No contexto geral, todo mundo lê pouco as mulheres. Por falta de acesso e por terem sido, as autoras, invisibilizadas desde sempre”, destaca a representante da comunidade de leitura.

Renata Sanches afirma que essa desvalorização pode ser notada como apagamento de Maria Firmina

e Carolina Nabuco e com a criação da Academia Brasileira de Letras, que deixou Julia Lopes de Almeida de fora. “Além disso, foi criada por este mesmo caldo cultural patriarcal uma separação do que seria a boa literatura e a literatura feminina”, diz. “Nessa divisão, fica claro que nossa categoria pertence à ‘literatura popular’, de menor qualidade, e restrita a temas como família, crianças, maternidade, a vida doméstica e correlatos.”

No entanto, segundo a internacionalista, a literatura escrita por mulheres traz narrativas que muitas vezes são excluídas, minimizadas ou distorcidas na visão patriarcal dominante. De acordo com ela, enquanto autores homens, mesmo os mais talentosos, muitas vezes escrevem personagens femininas sob clichês e estereótipos, como a musa, a mãe sofridora e a sedutora, mulheres inovaram na forma da escrita e foram ignoradas por muito tempo. “Podíamos ter perdido a chance de conhecer a ‘escrevivência’ de Conceição Evaristo, a prosa experimental e provocadora de Hilda Hilst, a escrita confessional de Sylvia Plath, ou os fluxos de consciência de Virginia Woolf”, reflete.

Apesar disso, Renata Sanches afirma que recentes movimentos feministas e pós-coloniais têm questionado o cânone, reinscrevendo autoras, como Toni Morrison, Virginia Woolf, as irmãs Bronte, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Ana Cristina Cesar e Hilda Hilst no centro de uma ‘literatura dita universal’. “Ainda assim, o rótulo de ‘literatura feminina’ persiste como forma de segregação implícita, o que só expõe que a hierarquia de gênero ainda não foi superada”, enfatiza.